

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, EXTREMISMO IDEOLÓGICO E DOGMATISMO

Ednaldo Ribeiro¹
Julian Borba²

Resumo: Dialogando com desenvolvimentos recentes na literatura sobre comportamento político, o artigo investiga os efeitos do extremismo ideológico e do dogmatismo político sobre os níveis de ativismo da população de São Paulo em diferentes modalidades de engajamento cívico. Considerando o contexto recente de polarização política verificado no contexto nacional, o objetivo principal é avaliar em que medida esse fenômeno contribui para acentuar as assimetrias já bastante expressivas no comportamento participativo. São consideradas formas de ação política eleitorais, não eleitorais e contestatórias e os principais preditores propostos são o extremismo no autopoicionamento ideológico, o fechamento ao diálogo e a rigidez de opinião, essas duas últimas tomadas como medidas de dogmatismo. Utilizando dados do Projeto “Índice de Democracia Local” testamos as hipóteses de que extremismo e dogmatismo estariam positivamente relacionados a maior ativismo político e que a combinação dessas características intensifica essa relação. Os resultados confirmam parcialmente essas hipóteses, indicando a existência de clivagem entre extremistas e moderados, principalmente no que diz respeito à esquerda, que apresenta maior probabilidade de engajamento em diversas modalidades de envolvimento político. No que diz respeito ao dogmatismo, contrariando nossa hipótese, foram verificados efeitos negativos.

Palavras-chave: participação política; extremismo ideológico; dogmatismo

Recebido em: 16/04/2020

Aceito em: 01/09/2020

¹ Professor Associado de Ciência Política da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ednaldoribeiro@icloud.com

² Professor Associado de Ciência Política do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: borbajulian@yahoo.com.br

POLITICAL PARTICIPATION, IDEOLOGICAL EXTREMISM, AND DOGMATISM

Abstract: In dialogue with recent developments in the literature on political behavior, the article analyzes the effects of ideological extremism and political dogmatism on the levels of activism of the São Paulo electorate. Considering the recent context of political polarization observed in Brazil, the main objective is to assess the extent to which this phenomenon contributes to accentuating the asymmetries that are already quite expressive in participatory behavior. Electoral, non-electoral and contestatory forms of political action are considered, and the main proposed predictors are extremism in ideological self-positioning, closure to dialogue, and rigidity of opinion, the latter two being taken as measures of dogmatism. Using data from the "Local Democracy Index" Project, we tested the hypotheses that extremism and dogmatism would be positively related to greater political activism and that the combination of these characteristics intensifies this relationship. The results partially confirm these hypotheses, indicating the existence of cleavage between extremists and moderates, especially regarding the left, which is more likely to engage in various forms of political involvement. As for dogmatism, contrary to our hypothesis, there were negative effects.

Key words: political participation; ideological extremism; dogmatism

1. Introdução

O Modelo do Voluntarismo Cívico (MVC), inicialmente proposto por Verba, Schlozman e Brady (1995), no já clássico *Voice and Equality*, tem se mostrado muito eficiente na explicação do ativismo político no nível individual. Combinando recursos (materiais e cognitivos), disposição subjetiva (interesse) e envolvimento em redes de recrutamento, essa abordagem tem contribuído para a compreensão de várias modalidades de engajamento cívico, de maneira geral revelando forte desigualdade no ativismo em termos globais. No contexto latino-americano e, mais especificamente, no caso brasileiro, o MVC também tem se mostrado bastante relevante, principalmente quanto aos efeitos da distribuição desigual dos recursos necessários para a ação política (Ribeiro e Borba, 2015).

Mais recentemente, atentos aos processos de polarização política em diferentes nações democráticas (Fiorina e Abrams, 2008; Hill e Tausanovith, 2015), sem abandonar esse modelo tridimensional original, os mesmos proponentes do MVC incorporaram em suas análises variáveis ligadas à autoidentificação ideológica (liberal versus conservador, no caso norte-americano) e atitudes em relação a temas políticos relevantes, com o objetivo de avaliar o quanto o extremismo gerado pelos processos de polarização afeta o ativismo político individual (Schlozman, Brady e Verba, 2018). Os resultados encontrados apontam para a ocorrência de maior ativismo entre cidadãos que ocupam os extremos ideológicos, tanto em termos dos rótulos gerais, quanto em diferentes temas selecionados. Reafirmando o problema da desigualdade, os autores alertam para um crescente desequilíbrio no exercício na cidadania política, com possíveis consequências para a estrutura de representação, entre extremistas e moderados, com claro prejuízo desses últimos.

Nossa intenção nesse artigo é contribuir com esse debate olhando para o contexto brasileiro, no qual vivenciamos um período de rápida e intensa polarização política, ainda pouco documentado pela literatura científica. As manifestações, presenciais e físicas, que buscaram influenciar positiva e negativamente o processo de impeachment da presidente Dilma, gerando inclusive a necessidade de construção de um muro separando militantes desses dois lados no gramado em frente ao congresso nacional em Brasília, foram expressões iniciais dessa tendência de acirramento do conflito ideológico. A escalada da polarização ficou evidente nos meses seguintes, tornando-se aguda no contexto das eleições de 2018, mas bastante evidentes ainda hoje, passado o primeiro ano do governo Bolsonaro (Ribeiro e Fuks, 2020).

Nosso objetivo fundamental é verificar se o extremismo gerado pelo processo de polarização em curso já teria algum efeito sobre os níveis de ativismo do cidadão nacional, nos valendo para isso de dados coletados no principal centro urbano onde as manifestações descritas anteriormente ocorreram: a cidade de São Paulo. O material empírico disponibilizado pelo Instituto Sivis, por conter informações sobre distintas modalidades de envolvimento político

individual e também perguntas que contribuem para a caracterização ideológica dos entrevistados, permite testar a hipótese de que os localizados nos extremos ideológicos são os mais ativos. Mas o presente artigo inova em relação aos testes apresentados por Schlozman, Brady e Verba (2018) porque procuramos combinar essa caracterização ideológica dos entrevistados com medidas de dogmatismo relacionadas a posturas extremistas. Sendo assim, qualificamos o impacto da ideologia controlando e interagindo seus efeitos com características que, desde o estudo clássico de Rokeach (1960), são entendidas como traços de personalidade com consequências atitudinais e comportamentais.

Os procedimentos metodológicos empregados envolvem o uso de técnicas descritivas e modelos multivariados de regressão. Nessa última etapa serão testados os efeitos das medidas de extremismo sobre diferentes modalidades de ação em separado. Em todos os modelos propostos, para evitar conclusões espúrias, são incluídos os principais controles apontados como relevantes pela literatura especializada.

2. Participação política: personalidade, recursos, identidade e extremismo

Nas democracias contemporâneas as funções relacionadas à participação política envolvem aspectos como controle, fiscalização e construção de demandas a fim de influenciar decisões governamentais (Booth e Seligson, 1978; Axford, 1997). Considerando tais funções, a literatura da ciência política tem classificado os comportamentos participativos em duas dimensões analiticamente distintas.

De um lado, as atividades 'convencionais', socialmente aceitas, como: participar de discussões políticas, votar, trabalhar em campanhas eleitorais, ser membro ativo de partidos políticos, candidatar-se, ocupar cargos públicos, etc. (Milbrath, 1965; Verba e Nie, 1972). Por outro lado, a literatura também tem reconhecido como formas de participação política as atividades não convencionais ou contestatórias, que envolvem: boicotes, ocupações, abaixo-assinados, manifestações, passeatas, etc. (Della Porta, 2003; Norris, 1999).

Desde a década de 1990, a literatura tem apontado para uma redução das formas convencionais de participação (Putnam, 2003), concomitante a ampliação das modalidades contestatórias (Della Porta, 2003; Inglehart; Catterberg, 2002).

Entre os vários modelos que buscam analisar os determinantes da participação política, o MVC (Verba, Schlozman e Brady, 1995) foi aquele que produziu a explicação mais abrangente e aceita para o fenômeno. Para os autores, a participação política seria produto de recursos individuais (como renda e escolaridade), e coletivos (os recursos associativos – as habilidades cívicas – fornecidos pelas organizações da sociedade civil). Dessa forma, a capacidade de

participação seria distribuída de maneira desigual na sociedade, de modo que aqueles portadores de maiores recursos (tempo, dinheiro e habilidades) teriam maiores chances de se envolver politicamente.

Uma das grandes inovações da teoria do voluntarismo cívico foi a incorporação de elementos identitários na explicação dos atos participativos. Desde o estudo seminal de Alessandro Pizzorno (1982), naquele que foi denominado “modelo da consciência de classe”, essa dimensão tem sido explorada nos estudos de participação, porém, em grande parte restrita ao campo dos movimentos sociais. No MVC a dimensão identitária é fundamental para todas as modalidades de participação, estando ligada a aspecto organizacional da vida associativa, uma forma de adquirir habilidades cívicas, mesmo diante da falta dos recursos de tempo e dinheiro (Della Porta, 2003).

Inicialmente a identidade foi definida como o pertencimento do indivíduo a alguma associação civil que cumpriria o papel de uma “escola de cidadania” (Putnam, 2002). Porém, no desenvolvimento posterior dos estudos sobre participação, outras dimensões passaram a ser incorporadas. Uma delas foi a *orientação ideológica* individual, que foi utilizada para explicar a participação em protestos. Estudos comparativos apontaram que quanto mais posicionado à esquerda do espectro ideológico, maiores as chances de os indivíduos participarem dessas modalidades (Powell, 1982; Dalton; Sickle, 2005).

Da mesma forma, *identidade partidária* foi utilizada para explicar o envolvimento em deferentes modalidades de participação, através do papel de “mobilização” desempenhado pelas organizações partidárias. Rosenstone e Hansen (1993) sugerem que a participação política é fruto da ação direta ou indireta de instituições ou pessoas que mobilizam os cidadãos a participarem. Os partidos seriam, nessa perspectiva, instituições centrais de mobilização dos indivíduos para a participação política, mobilização esta que pode ser orientada para a participação em formas convencionais ou não convencionais, dependendo da ideologia partidária, do contexto, etc. O caso mais paradigmático na relação entre identidade partidária e participação política pode ser encontrado no caso dos “partidos verdes”, que mobilizam a participação dos seus seguidores tanto através da atividade eleitoral, quanto da participação em atos de protesto.

A existência de um efeito mobilizador exercido pelos vínculos identitários como a ideologia ou a identificação partidária, ganha destaque quando se analisa a participação em sua relação com o fenômeno da polarização política (Hetherington e Rudolph, 2015).

Hill e Tausanovitch (2015) destacam que a definição de polarização varia em torno de dois posicionamentos analíticos. O primeiro a define como divergência na ideologia política entre os membros do público. O segundo, como separação ou divisão de grupos claramente definidos. Como exemplo da primeira definição, se mais membros do público adotam uma posição extrema sobre um determinado *issue* ou se menos membros do público ocupam o meio de distribuição, o público é mais polarizado. A exemplificação da segunda pode ser feita pela relação entre

identificação partidária e ideologia. Se democratas tornam-se mais liberais e republicanos mais conservadores ao longo do tempo, maior será a polarização.

No caso brasileiro, mesmo que não tenhamos evidências robustas de uma polarização política na opinião pública (Borges e Vidgal, 2018; Borba, Ribeiro e Ayres, 2018), a crescente clivagem entre petismo e antipetismo (Samuels e Zucco, 2018), bem como os acontecimentos listados na introdução deste artigo, têm colocado tal tema em evidência.

Nesse sentido, estudo recente de Schlozman, Brady e Verba (2018) coloca novamente o problema da identidade (ideológica e partidária) no centro do debate sobre participação, articulando esses dois temas ao contexto de polarização política. O ponto de partida dos autores são as evidências apresentadas por Abramowitz (2010) de que os cidadãos norte-americanos mais engajados politicamente, que são também mais educados e interessados em política, tendem a serem menos identificados com o centro do espectro ideológico. Invertendo esta lógica, propõem testes para identificar se os moderados em termos de posicionamento ideológico e atitudes em relação à temas relevantes são menos ativos politicamente.

Usando uma escala de sete pontos que parte do “extremamente liberal” e chega ao “extremamente conservador” encontram relação descrita por uma curva em V, com os extremos mostrando maior percentual de indivíduos ativos politicamente³ e o centro, onde estão os moderados, com menor taxa de engajamento político (Schlozman, Brady e Verba, 2018). A tendência se mantém quando ao invés da escala liberal-conservador, são usadas medidas sobre atitudes em relação à política econômica e ao aborto. Aqueles que são mais radicalmente progressistas e conservadores em termos econômicos e também adotam posições extremadas no debate “pró-escolha” e “pró-vida” tendem a ser também os mais ativos politicamente. Com esses resultados os autores incluem os ideologicamente moderados como mais uma categoria de sub-representados na democracia norte-americana e reconhecem a contribuição dessa dimensão identitária no MVC, especialmente no contexto de crescente polarização em curso nas últimas décadas.

Os efeitos atitudinais e comportamentais dessas posições ideológicas extremadas podem ser potencializados quando combinadas com traços psicológicos como o dogmatismo, ligado ao que Rokeach (1960) classificou como personalidade autoritária. Para esse autor o dogmatismo é “[...] a closed way of thinking which can be associated with any ideology regardless of content, an authoritarian outlook on life, as intolerance toward those with opposing beliefs and a sufferance of those with similar beliefs.” (p.4).

³ São considerados ativos aqueles que informaram ter participado de pelo menos uma das modalidades de ação consideradas (passeatas, conselhos, abaixo-assinados, petições online, organização política, contato com ocupantes de cargos públicos, contato com órgão público) nos últimos doze meses.

Estudos recentes indicam essa postura fechada ao pensamento divergente não é exclusividade de um polo ideológico, sendo dependente de tópicos específicos (Jost et al., 2003). Conway et al. (2015) identificam, por exemplo, que conservadores norte-americanos tendem a ser mais dogmáticos no campo religioso, enquanto liberais são mais dogmáticos em temas ambientais.

Sullivan, Piereson e Marcus (1982) confirmaram a relevância dessa característica psicológica para a explicação da intolerância política. Outros trabalhos recolheram evidências de que tal postura está relacionada ao fundamentalismo religioso (Meadow e Kahoe, 1984) e posições políticas conservadoras (Jost et al., 2003).

No que diz respeito aos seus efeitos comportamentais, todavia, ainda há considerável discussão no campo da psicologia política e da ciência política. Apesar de Rokeach (1960) sugerir essa relação e trabalhos como o de Vacchiano (1977) terem identificado maior tendência de ativismo radical entre dogmáticos, boa parte dos trabalhos posteriores não encontra evidências significativas de relação entre dogmatismo e engajamento político (Barker, 1963; Kedem, Bilu e Cohen, 1987).

Procurando contribuir para esse debate é que integramos a dimensão do dogmatismo à pesquisa acerca da relação entre extremismo ideológico e ativismo de protesto em nosso contexto nacional polarizado. Por entender que essa postura fechada à divergência é um elemento fortalecedor das identidades sociais, nossa expectativa é que, combinada com orientações ideológicas extremadas, afete significativamente a probabilidade de ativismo político.

Temos, portanto, três hipóteses a serem testadas:

H1: o extremismo ideológico, de esquerda e direita, está relacionado positivamente ao ativismo político.

H2: o dogmatismo está relacionado positivamente ao ativismo político.

H3: a combinação entre dogmatismo e extremismo ideológico intensifica essa relação positiva.

3. Dados e metodologia

O material empírico utilizado para os testes das hipóteses foi fornecido pelo Instituto Sivis. Os dados foram coletados no ano de 2019 como parte do Projeto "Índice de Democracia Local"⁴ por meio de survey aplicado a uma amostra de 2.417 moradores da cidade de São Paulo,

⁴ Relatório detalhado do projeto pode ser consultado no endereço <https://sivis.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Relat%C3%B3rio-IDL-SP-WEB.pdf>

garantindo que ao menos 300 entrevistas fossem realizadas em cada uma das oito regiões administrativas da cidade. Foram contempladas margem de erro de 2%, a um nível de confiança de 95% para a cidade como um todo, e margem de erro de 5,7%, a um nível de confiança de 95% para cada uma das suas regiões administrativas. A coleta de dados foi domiciliar, com desenho amostral probabilístico para a seleção aleatória dos setores censitários pesquisados e com critérios sistemáticos de seleção dos domicílios. Foi realizado um desenho amostral não-probabilístico para a seleção dos indivíduos entrevistados, selecionados a partir de cotas de sexo, faixa etária, grau de instrução e status ocupacional.

Nossas variáveis dependentes contemplam um amplo conjunto de modalidades de participação política. Começando pelas ações ligadas às eleições, utilizamos uma medida de *Atitudes sobre o Voto*, obtida com a pergunta: Se o voto não fosse obrigatório, o (a) sr./sra. diria que = não votaria; votaria apenas quando algum candidato representasse sua preferência; votaria com certeza. Dessa vez recodificamos a primeira alternativa como 0 e combinamos as duas restantes como 1. Também trabalhamos com uma medida de *Ativismo Eleitoral* derivada da seguinte pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. participa de atividades políticas que envolvem partidos e finalidades eleitorais, tais como comícios eleitorais, debates eleitorais, reuniões políticas, convenções partidárias, entre outras? Originalmente codificada em uma escala de cinco pontos, partindo do “nunca” e terminando no “sempre”, optamos pela sua recodificação como dicotômica combinando como 0 as alternativas “nunca” e “raramente” e como 1 as opções “às vezes”, “frequentemente” e “sempre”. Todas as demais variáveis apresentadas nessa seção apresentam essa mesma codificação original e foram recodificadas com os mesmos procedimentos.

Também propomos uma medida de *Envolvimento em Instituições Participativas*, a partir das respostas a pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. participa de atividades políticas realizadas pelo poder público, tais como conselhos municipais, plebiscitos, referendos, audiências públicas, entre outras?

A terceira medida, chamada de *Participação em Organizações da Sociedade Civil*, é derivada da pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. participa de atividades políticas de organizações da sociedade civil, tais como associações de bairro, sindicatos, movimentos sociais, ONGs, entre outras?

A quarta variável dependente proposta é sobre o *Ativismo de Protesto*, coletada com a pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. participa de atividades políticas presenciais de demonstração pública, tais como protestos, manifestações, passeatas, carreatas, entre outras?

Por fim, empregamos também uma variável sobre *Ativismo Online*, derivada da pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. participa de atividades políticas virtuais, tais como engajamento político em redes sociais, fóruns de discussão online, enquetes online, entre outras?

Três são as variáveis independentes centrais em nossas análises. A primeira é uma medida categórica de *Extremismo Ideológico*, resultado de procedimento de recodificação de medida original obtida com a pergunta: Quando se trata de política, as pessoas falam de “esquerda” e de “direita”. De um modo geral, em qual das seguintes posições o (a) sr./sra considera que sua visão política melhor se encaixaria? Originalmente a escala comportava 7 valores, começando com “extrema esquerda”(1) e terminando com “extrema direita” (7). Combinamos os valores de 2 a 6 na categoria “moderados”, isolando assim os extremos.

Na sequência temos duas variáveis que dizem respeito ao dogmatismo político. A medida de *Fechamento ao Diálogo* foi construída a partir das respostas dos entrevistados a seguinte pergunta: Com qual frequência o (a) sr./sra. dialoga com pessoas com posições políticas divergentes das suas? A escala de respostas é a mesma das variáveis dependentes apresentadas anteriormente, mas dessa vez optamos por recodificação mais radical, definindo como “dogmáticos” apenas aqueles que optaram pela alternativa “nunca”. A medida de *Rigidez de Opinião*, por sua vez, é resultado de recodificação idêntica das respostas à pergunta: No contexto de um debate político, quão disposto o (a) sr./sra. estaria a mudar de opinião caso a pessoa com quem esteja debatendo apresente argumentos bem fundamentados?

Como nossa terceira hipótese afirma efeitos comportamentais da combinação do extremismo ideológico com as medidas de dogmatismo, introduzimos nos modelos variáveis com os perfis gerados por essa associação, respectivamente denominadas de *Extremismo Fechado* e *Extremismo Rígido*. Em ambas as categorias são “moderados”(0), “extrema esquerda dogmática(fechada/rígida)”(1) e “extrema direita dogmática(fechada/rígida)”(2).

Para evitar conclusões espúrias em todos os modelos são inseridos controles relatados pela literatura (Verba, Schlozman e Brady, 1995; Ribeiro e Borba, 2015) sobre participação como relevantes: sexo, faixas etárias, escolaridade, renda, status de minoria étnica, interesse por política e associativismo. Informações sobre as codificações de cada uma dessas variáveis e suas respectivas estatísticas descritivas podem ser consultadas na Tabela A nos Anexos ao final do artigo.

Como todas as variáveis dependentes têm distribuição binomial, utilizamos para os testes das hipóteses modelo logísticos binários (Hosmer e Lemeshow, 2004) com diferentes conjuntos de variáveis. Para cada medida de participação propomos seis modelos, como segue: Modelo 1 – apenas com o extremismo ideológico e os controles; Modelo 2 – apenas com a medida de fechamento ao diálogo e controles; Modelo 3 – apenas com a medida de dogmatismo ideológico e controles; Modelo 4 – apenas com a tipologia ideologia-fechamento e controles; Modelo 5 – apenas com a tipologia ideologia-dogmatismo e controles; Modelo 6 –com todos os preditores juntos e os controles.

4. Resultados e Discussão

Antes de passarmos à apresentação e discussão dos resultados dos modelos listados acima, apresentamos informações descritivas das variáveis dependentes e independentes mobilizadas. Diferenças consideráveis nos instrumentos de coleta de dados utilizados pelo Instituto Sivis e iniciativas de alcance nacional, como o Latin American Public Opinion Project (LAPOP) e o Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), tornam as comparações do cenário paulista com o brasileiro precárias. Ainda assim, o exercício comparativo será realizado quando minimamente viável.

Da Tabela 1 destacamos inicialmente a considerável diferença entre a medida atitudinal, relacionada à disposição para continuar votando em contextos de facultatividade, e todas as medidas comportamentais. Não há questão semelhante nas duas pesquisas nacionais mais recentes sobre atitudes políticas mencionadas no parágrafo anterior, mas podemos perceber que essa disposição favorável é compatível com os 59,5% de entrevistados que se declararam dispostos à votarem nas próximas eleições presidenciais, segundo o LAPOP (a coleta se deu no início de 2019).

Tabela 1. Descritivas de variáveis dependentes e independentes, São Paulo, 2019.

Dependentes	%		
<i>Atitudes sobre Voto (votaria)</i>	62,1		
<i>Ativismo Eleitoral (sim)</i>	14,9		
<i>Envolvimento em Instituições Participativas (sim)</i>	13,9		
<i>Participação em Organizações da Sociedade Civil (sim)</i>	27,1		
<i>Ativismo de Protesto (sim)</i>	21,8		
<i>Ativismo Online (sim)</i>	34,3		
Independentes	%		
<i>Extremismo Ideológico (esquerda/moderado/direita)</i>	2,9	92,3	4,7
<i>Fechamento ao Diálogo (fechado)</i>	32,8		
<i>Rigidez de Opinião (rígido)</i>	26,6		

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sivis

Entre as medidas comportamentais parece existir uma hierarquia nos percentuais de ocorrências, as quais estão relacionadas aos custos materiais e cognitivos envolvidos em cada modalidade. O maior percentual de ocorrência é verificado no ativismo online, que em razão das facilidades do ambiente virtual, tem os custos em termos de tempo radicalmente reduzidos. O quadro registrado em São Paulo, todavia, é bem mais positivo do que o registrado pelos dados do LAPOP de 2012. Naquele ano apenas 10% dos brasileiros declararam ter compartilhado

alguma informação política em redes sociais e apenas 8,7% haviam acessado sites de partidos ou movimentos políticos. Também é mais positivo do que os 12% de envolvimento específico em grupos de discussão sobre política em redes sociais registrados mais recentemente pelo ESEB. Os 34,3% encontrados pela pesquisa em São Paulo para engajamento online, fóruns de discussão online, enquetes online, entre outras, indica ativismo significativamente maior, ainda que seja necessário considerar a distância temporal entre as coletas de dados e o alcance das questões. Parte dessa diferença certamente pode ser creditada a maior disponibilidade de acesso à internet em grandes metrópoles.

Na sequência aparece o envolvimento em organizações da sociedade civil, o que atribuímos principalmente ao nível local de engajamento em associações de bairros e ONGs com atuação descentralizada. Novamente esses dados estão acima dos registrados nacionalmente, ainda que a comparabilidade das informações seja limitada. Dados da pesquisa Outras Formas de Trabalho, conduzida pelo IBGE por meio da PNAD Contínua indicara que em 2018 13% dos brasileiros realizaram algum trabalho voluntário em associação de moradores, ONG, grupo de apoio ou organizações semelhantes, o que está bem abaixo dos mais de 27% encontrados pelo Instituto Sivos para São Paulo. O ESEB de 2018 também registra contingente bem menor (11%) para a participação específica em associações de moradores.

O ativismo de protesto é a modalidade seguinte e, apesar de demandar considerável fração de tempo e também depender da inserção em redes de recrutamento, exige porções menores desses recursos na comparação com as duas últimas modalidades, ativismo eleitoral e envolvimento em instituições participativas, significativamente mais institucionalizadas. Aqui também a diferença entre a população paulista e nacional é gritante, já que o LAPOP encontrou em 2019 apenas 10,28% de entrevistados com envolvimento em algum protesto político ao longo dos doze meses anteriores.

As diferenças entre o cenário local e nacional são reduzidas nas modalidades que classificamos no parágrafo anterior como mais institucionalizadas. O envolvimento em instituições participativas, com 13,9% em São Paulo é compatível com os 8,6% de participantes em conselhos de saúde encontrados na pesquisa nacional do ESEB. Ao considerarmos que a participação pode ocorrer em conselhos de outras políticas também, como a de assistência social e educação, os patamares tendem a se aproximar. O ativismo eleitoral e partidário (comícios eleitorais, debates eleitorais, reuniões políticas, convenções) apresenta percentual de envolvimento muito semelhante (14,9%), mas infelizmente não temos dados nacionais recentes para estabelecer comparações produtivas.

Entre as variáveis dependentes a distribuição do extremismo tende a ser bem mais concentrada do que as registradas para as medidas de dogmatismo. Com os cortes radicais propostos, são localizados na extrema esquerda apenas 2,9% dos entrevistados, contra 4,7% de posicionados à extrema direita, ficando a imensa maioria no grupo dos moderados. Ao aplicarmos

o mesmo procedimento de recodificação dos extremos da escala para os dados do LAPOP encontramos contingente à direita de 5,4%, bastante semelhante ao verificado em São Paulo. O percentual de entrevistados agrupados na extrema esquerda, todavia, é bem maior entre a população nacional: 10% contra os 2,9% entre os paulistanos.

Qualquer exercício comparativo envolvendo as duas medidas de dogmatismo é inviável pela falta de dados nacionais aproximados. Desta forma, destacamos apenas a presença do fechamento ao diálogo e da rigidez de opinião em, respectivamente, um terço e um quarto da amostra.

Passando aos modelos multivariados, os primeiros (Tabela 2) são dedicados à análise dos determinantes das **atitudes em relação ao voto**. Os efeitos da maioria das variáveis de controle foram significativos e no sentido esperado em todos os modelos, com escolaridade, renda, associativismo e interesse por política potencializando e o status de minoria étnica diminuindo a probabilidade da intenção de votar em contextos de não obrigatoriedade. Resta confirmada, portanto, a relevância dos recursos materiais, cognitivos e sociais para essa primeira medida atitudinal.

Tabela 2. Preditores das atitudes em relação ao voto, São Paulo, 2019

<i>Preditores</i>	<i>Razão de Chance (Erro padronizado)</i>					
<i>Intercepto</i>	0,11*** (,27)	0,12*** (,23)	0,11*** (,24)	0,11*** (,27)	0,11*** (,27)	0,21*** (,31)
<i>Extrema esquerda</i>	0,84 (,32)					0,80 (,36)
<i>Extrema direita</i>	1,86* (,27)					2,16* (,31)
<i>Sexo(Masculino)</i>	1,05 (,11)	1,19 (,10)	1,21 (,10)	1,07 (,11)	1,07 (,11)	1,03 (,12)
<i>Faixa etária</i>	0,93 (,06)	0,93 (,05)	0,94 (,05)	0,94 (,06)	0,94 (,06)	0,94 (,06)
<i>Educação</i>	1,32*** (,06)	1,21*** (,05)	1,21*** (,05)	1,30*** (,06)	1,30*** (,06)	1,26*** (,06)
<i>Renda</i>	1,33*** (,06)	1,34*** (,05)	1,34*** (,05)	1,32*** (,06)	1,32*** (,06)	1,29*** (,06)
<i>Minoria Étnica (Não-branco)</i>	0,74** (,12)	0,81* (,10)	0,80* (,10)	0,74* (,12)	0,74* (,12)	0,74* (,12)
<i>Interesse por política</i>	1,54*** (,04)	1,49*** (,04)	1,50*** (,04)	1,54*** (,04)	1,53*** (,04)	1,43*** (,04)
<i>Associativismo</i>	1,15*** (,04)	1,15*** (,03)	1,15*** (,03)	1,14*** (,04)	1,15*** (,04)	1,11*** (,04)
<i>Fechamento ao diálogo</i>		1,23 (,16)				0,57*** (,14)
<i>Rigidez de opinião</i>			1,27 (,18)			0,81 (,14)
<i>Extrema esquerda fechado</i>				2,57 (1,09)		3,93 (1,27)
<i>Extrema direita fechado</i>				1,35 (,58)		0,52 (,69)
<i>Extrema esquerda rígido</i>					1,15 (1,17)	0,57 (1,34)
<i>Extrema direita rígido</i>					1,75 (,73)	1,10 (,84)
<i>Observações</i>	1790	2235	2224	1790	1786	1786
<i>R2 Tjur</i>	,188	,176	,177	,186	,185	,202

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sivis.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Nos modelos concentrados (modelos 1, 2, 3, 4 e 5) a única variável independente relevante foi a condição de extrema direita, com chance 86% maior do que os moderados de continuar votando. No modelo completo essa diferença salta para 116% e o fechamento ao diálogo passa a ter efeito, mas negativo, reduzindo em 43% a chance de continuar votando.

Os resultados acima fornecem elementos importantes para a defesa dos efeitos equalizadores do voto obrigatório, ao impedir a sobrerrepresentação dos que possuem maiores recursos, e daqueles com posições políticas extremistas (no caso identificados com a extrema direita).

Com relação ao **ativismo eleitoral e partidário** (comícios eleitorais, debates eleitorais, reuniões políticas, convenções) os efeitos das variáveis de controle foram semelhantes ao primeiro modelo e sempre no sentido esperado pela teoria (Tabela 3).

Tabela 3. Preditores do ativismo eleitoral e partidário, São Paulo, 2019.

<i>Preditores</i>	<i>Razão de Chance</i> <i>(Erro padronizado)</i>					
<i>Intercepto</i>	0,01*** (,34)	0,01*** (,32)	0,01*** (,32)	0,02*** (,34)	0,02*** (,34)	0,03*** (,38)
<i>Extrema esquerda</i>	3,14*** (,32)					3,31** (,38)
<i>Extrema direita</i>	1,18 (,31)					1,10 (,42)
<i>Sexo(Masculino)</i>	1,22 (,14)	1,25 (,13)	1,28 (,13)	1,22 (,13)	1,23 (,13)	1,21 (,14)
<i>Faixa etária</i>	0,97 (,07)	0,98 (,06)	0,97 (,06)	0,95 (,07)	0,96 (,07)	1,01 (,07)
<i>Educação</i>	1,06 (,07)	1,07 (,07)	1,08 (,07)	1,07 (,07)	1,06 (,07)	1,02 (,07)
<i>Renda</i>	0,99 (,07)	0,98 (,06)	0,98 (,06)	0,98 (,07)	0,98 (,07)	0,96 (,07)
<i>Minoria Étnica (Não-branco)</i>	1,01 (,14)	0,99 (,13)	1,04 (,13)	0,99 (,14)	1,02 (,14)	1,02 (,14)
<i>Interesse por política</i>	1,51*** (,05)	1,49*** (,05)	1,53*** (,05)	1,50*** (,05)	1,50*** (,05)	1,41*** (,05)
<i>Associativismo</i>	1,28*** (,04)	1,29*** (,04)	1,30*** (,04)	1,27*** (,04)	1,28*** (,04)	1,24*** (,04)
<i>Fechamento ao diálogo</i>		1,74*** (,16)				0,43*** (,24)
<i>Rigidez de opinião</i>			1,30 (,17)			
<i>Extrema esquerda fechado</i>				4,03* (,70)		1,17 (,82)
<i>Extrema direita fechado</i>				2,12 (,52)		2,47 (,69)
<i>Extrema esquerda rígido</i>					4,71 (,95)	1,24 (1,05)
<i>Extrema direita rígido</i>					0,72 (,68)	,40 (,83)
<i>Observações</i>	1789	2237	2225	1789	1785	1785
<i>R2 Tjur</i>	,097	,106	,098	,092	,089	,106

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sívivis.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Quanto às variáveis independentes, o extremismo de esquerda parece ser mais relevante nessas modalidades de participação, tanto nos modelos concentrados (1, 2, 3, 4 e 5) quanto no completo, com mais de 200% de aumento na probabilidade de envolvimento. As medidas de abertura ao diálogo e dogmatismo não se mostram relevantes de forma isolada, mas a primeira combinada com o perfil de esquerda potencializa em quase 100% o efeito constatado no primeiro modelo. Esse efeito, todavia, desaparece no modelo completo, o que nos leva a concluir que se trata efetivamente do efeito direto do extremismo ideológico sobre o ativismo eleitoral.

É possível que o impacto do extremismo de esquerda na atividade eleitoral e partidária esteja relacionada à trajetória dos partidos políticos brasileiros, onde as agremiações de esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores, possuem estrutura organizacional que historicamente dependeu significativamente da mobilização de seus filiados (Amaral, 2013).

O modelo seguinte (Tabela 4) sugere que o envolvimento em **instituições participativas** depende menos dos recursos individuais do que das habilidades cívicas dos indivíduos, de modo que entre as variáveis de controle, apenas interesse por política e associativismo se mostraram estatisticamente significativos.

Com relação às variáveis independentes, os espaços parecem estar ocupados pelos dois polos ideológicos, ainda que a chance da esquerda seja maior. O efeito da condição de extrema direita não sobrevive no modelo completo. Este fato também pode ser explicado pela trajetória dessas instituições, originalmente vinculadas a propostas partidárias de partidos de esquerda (Ventura, 2016).

De maneira contrária às expectativas teóricas foram os efeitos significativos para o fechamento ao diálogo e a rigidez de opinião, principalmente porque essas instituições são baseadas no princípio deliberativo. Apresentar essas características eleva a chance de envolvido em mais de 80%. Chama atenção o efeito da combinação direita/fechado ao diálogo, que eleva em mais de 400% a probabilidade de envolvimento. A perda de significância da ideologia sozinha no modelo completo, provavelmente se deve a isso. Aqui a extrema direita também se mostra mais ativa e o fechamento ao diálogo também. A combinação das duas é explosiva, assim como nos modelos anteriores.

Tabela 4. Preditores do envolvimento em instituições participativas, São Paulo, 2019

Preditores	Razão de Chance (Erro padronizado)					
Intercepto	0,01*** (,36)	0,01*** (,34)	0,01*** (,34)	0,01*** (,36)	0,01*** (,36)	0,01*** (,40)
Extrema esquerda	3,35*** (,33)					4,43*** (,38)
Extrema direita	2,16 (,29)					1,45 (,39)
Sexo(Masculino)	1,26 (,14)	1,27 (,13)	1,26 (,13)	1,26 (,14)	1,23 (,14)	1,23 (,14)
Faixa etária	1,00 (,07)	0,99 (,07)	0,98 (,07)	0,98 (,07)	0,98 (,07)	1,03 (,07)
Educação	0,98 (,07)	1,00 (,07)	0,99 (,07)	0,97 (,07)	0,95 (,07)	0,94 (,08)
Renda	1,03 (,07)	1,02 (,06)	1,02 (,06)	1,01 (,07)	1,02 (,07)	1,01 (,07)
Minoria Étnica (Não-branco)	1,06 (,14)	1,03 (,14)	1,07 (,14)	1,06 (,14)	1,07 (,14)	1,08 (,14)
Interesse por política	1,57*** (,06)	1,51*** (,05)	1,55*** (,05)	1,58*** (,06)	1,57*** (,06)	1,53*** (,06)
Associativismo	1,38*** (,04)	1,36*** (,04)	1,37*** (,04)	1,36*** (,04)	1,37*** (,04)	1,35*** (,04)
Fechamento ao diálogo		1,81*** (,16)				0,84 (,22)
Rigidez de opinião			1,83*** (,17)			0,55** (,22)
Extrema esquerda fechado				1,58 (,73)		0,34 (,92)
Extrema direita fechado				5,73*** (,53)		3,96* (,65)
Extrema esquerda rígido					5,23 (,96)	2,18 (,13)
Extrema direita rígido					2,80 (,58)	1,01 (,71)
Observações	1789	2236	2224	1789	1785	1785
R2 Tjur	,121	,118	,119	,117	,114	,134

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sívís.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Nos modelos com a medida de envolvimento em **organizações da sociedade** como dependente (Tabela 5), excluímos a variável de associativismo como controle. Apesar dessa última medida combinar o envolvimento com organizações distintas (clube social, artístico, filantrópico, entidade religiosa e de autoajuda) das contempladas pela variável dependente (associações de bairro, sindicatos, movimentos sociais e ONGs), optamos pela sua retirada para evitar problemas de colinearidade.

É muito interessante o efeito da variável sexo para essa modalidade, principalmente porque é exceção no conjunto das análises conduzidas até aqui. O efeito redutor sobre a probabilidade de envolvimento indica que se trata de um tipo de ativismo fortemente feminino. Mas também aparecem como relevantes medidas ligadas aos recursos cognitivos, como educação e interesse por política.

Entre os preditores centrais verificamos efeito positivo da extrema direita, mas que não se sustenta no modelo completo, principalmente porque as duas medidas de dogmatismo apresentam um forte efeito redutor nesse tipo de engajamento. A condição de fechado ao diálogo reduz em 55% a chance de envolvimento nessas modalidades e a rigidez de opinião em 45%.

Tabela 5. Preditores do envolvimento em organizações da sociedade civil, São Paulo, 2019.

Preditores	Razão de Chance (Erro padronizado)					
<i>Intercepto</i>	0,06*** (,26)	0,09*** (,25)	0,06*** (,24)	0,06*** (,26)	0,06*** (,26)	0,11*** (,28)
<i>Extrema esquerda</i>	1,48 (,31)					1,56 (,36)
<i>Extrema direita</i>	1,85* (,25)					1,68 (,31)
<i>Sexo(Masculino)</i>	0,68*** (,11)	0,74** (,10)	0,74** (,10)	0,69*** (,11)	0,69*** (,11)	0,66*** (,11)
<i>Faixa etária</i>	1,04 (,06)	1,09 (,05)	1,07 (,05)	1,04 (,05)	1,04 (,05)	1,09 (,06)
<i>Educação</i>	1,21** (,06)	1,14* (,05)	1,17** (,05)	1,20** (,06)	1,19** (,06)	1,14* (,06)
<i>Renda</i>	1,06 (,05)	1,03 (,05)	1,06 (,05)	1,05 (,05)	1,06 (,05)	1,02 (,06)
<i>Minoria Étnica (Não-branco)</i>	1,16 (,11)	1,21 (,10)	1,21 (,10)	1,15 (,11)	1,17 (,11)	1,19 (,11)
<i>Interesse por política</i>	1,51*** (,04)	1,38*** (,04)	1,46*** (,04)	1,51*** (,04)	1,51*** (,04)	1,39*** (,04)
<i>Fechamento ao diálogo</i>		0,43*** (,14)				0,45*** (,17)
<i>Rigidez de opinião</i>			0,64*** (,13)			0,65** (,16)
<i>Extrema esquerda fechado</i>				1,93 (,71)		0,85 (,85)
<i>Extrema direita fechado</i>				4,31** (,52)		2,38 (,61)
<i>Extrema esquerda rígido</i>					6,76 (1,16)	4,22 (1,27)
<i>Extrema direita rígido</i>					1,86 (,56)	0,72 (,65)
<i>Observações</i>	1795	2245	2233	1795	1791	1791
<i>R2 Tjur</i>	,096	,104	,094	,097	,095	,118

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sivis.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

O ativismo de protestos, é reconhecido como uma modalidade que envolve elevados custos (Verba, Schlozman e Brady, 1995), estando associado também a um componente geracional, com maior engajamento dos mais jovens. Os resultados apresentados na Tabela 6 confirmam tais expectativas, pois são os mais jovens, mais escolarizados, com maior renda, interessados em política e com vínculos associativos, os que mais participam.

Considerando as variáveis independentes de nosso estudo, verifica-se que aqueles de esquerda são os que apresentam maior probabilidade de envolvimento com esta modalidade de participação, corroborando outros achados da literatura (Dalton e Sickle, 2005; Ribeiro e Borba, 2015). Os resultados também indicam que aqueles com atitudes de fechamento ao diálogo e o dogmatismo também são os que mais se envolvem em protestos (considerando os modelos concentrados 1, 2, 3 e 4). O resultado mais surpreendente é quando interagimos ideologia com dogmatismo: o tipo “extrema esquerda fechado ao diálogo” apresenta aumento incrível de 623% na comparação com moderados (modelo 4).

Tabela 6. Preditores do ativismo de protesto, São Paulo, 2019

<i>Preditores</i>	<i>Razão de Chance</i> <i>(Erro padronizado)</i>					
<i>Intercepto</i>	0,01*** (,32)	0,01*** (,30)	0,01*** (,30)	0,01*** (,32)	0,01*** (,32)	0,02*** (,35)
<i>Extrema esquerda</i>	3,76*** (,33)					3,86*** (,38)
<i>Extrema direita</i>	1,41 (,29)					1,36 (,38)
<i>Sexo(Masculino)</i>	0,85 (,12)	0,94 (,12)	0,92 (,12)	0,85 (,12)	0,85 (,12)	0,82 (,12)
<i>Faixa etária</i>	0,79*** (,06)	0,78*** (,06)	0,77*** (,06)	0,78*** (,06)	0,78*** (,06)	0,82*** (,06)
<i>Educação</i>	1,16* (,06)	1,16* (,06)	1,16* (,06)	1,15* (,06)	1,14* (,07)	1,09 (,07)
<i>Renda</i>	1,26*** (,06)	1,26*** (,06)	1,25*** (,06)	1,24*** (,06)	1,24*** (,06)	1,22*** (,06)
<i>Minoria Étnica (Não-branco)</i>	0,88 (,13)	0,85 (,12)	0,85 (,12)	0,87 (,13)	0,87 (,13)	0,88 (,13)
<i>Interesse por política</i>	1,65*** (,05)	1,60*** (,05)	1,63*** (,05)	1,64*** (,05)	1,65*** (,05)	1,55*** (,05)
<i>Fechamento ao diálogo</i>		1,67*** (,15)				0,48*** (,21)
<i>Rigidez de opinião</i>			1,93*** (,16)			0,63* (,19)
<i>Extrema esquerda fechado</i>				7,23* (,85)		1,83 (,96)
<i>Extrema direita fechado</i>				1,66 (,54)		0,99 (,65)
<i>Extrema esquerda rígido</i>					8,39 (1,20)	1,39 (1,28)
<i>Extrema direita rígido</i>					1,80 (,60)	1,40 (,69)
<i>Observações</i>	1792	2240	2228	1792	1788	1788
<i>R2 Tjur</i>	,196	,199	,199	,191	,188	,204

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sívivis.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

No modelo completo, porém, apenas o efeito da posição de esquerda continua semelhantes ao modelo 1. Aqui, rigidez e fechamento passam a ter efeitos individuais negativos sobre o protesto e quando as interagimos com posicionamento ideológico, deixam de ser relevantes.

A última modalidade de participação analisada é o **ativismo online**, que apresenta um forte componente geracional (Gibson e Cantijoch, 2013; Ribeiro, Borba e Hansen, 2019) e depende de recursos individuais em contextos de maior desigualdade de acesso à internet (Ribeiro, Borba e Hansen, 2019). Os resultados da Tabela 7 confirmam essas expectativas, já que são os mais jovens e com maiores recursos os que mais participam dessa modalidade em São Paulo.

Tabela 7. Preditores do ativismo online, São Paulo, 2019

<i>Preditores</i>	<i>Razão de Chance</i> <i>(Erro padronizado)</i>					
<i>Intercepto</i>	0,06*** (,27)	0,05*** (,25)	0,04*** (,25)	0,06*** (,27)	0,06*** (,26)	0,13*** (,30)
<i>Extrema esquerda</i>	1,06 (,32)					0,92 (,38)
<i>Extrema direita</i>	1,21 (,26)					0,79 (,11)
<i>Sexo(Masculino)</i>	0,82 (,11)	0,89 (,10)	0,87 (,10)	0,82 (,11)	0,82 (,11)	0,79* (,11)
<i>Faixa etária</i>	0,74*** (,06)	0,75*** (,05)	0,74*** (,05)	0,73*** (,06)	0,74*** (,06)	0,76*** (,06)
<i>Educação</i>	1,15* (,06)	1,21*** (,05)	1,20*** (,05)	1,16** (,06)	1,14* (,07)	1,08 (,07)
<i>Renda</i>	1,13* (,05)	1,12* (,05)	1,12* (,05)	1,13* (,05)	1,13* (,05)	1,09 (,06)
<i>Minoria Étnica (Não-branco)</i>	0,84 (,11)	0,80 (,10)	0,81 (,10)	0,83 (,11)	0,84 (,11)	0,85 (,11)
<i>Interesse por política</i>	1,76*** (,04)	1,67*** (,04)	1,73*** (,04)	1,76*** (,04)	1,76*** (,04)	1,65*** (,05)
<i>Fechamento ao diálogo</i>		2,07*** (,14)				0,43*** (,16)
<i>Rigidez de opinião</i>			2,07*** (,16)			0,71* (,15)
<i>Extrema esquerda fechado</i>				3,27 (,86)		2,74 (,96)
<i>Extrema direita fechado</i>				10,45*** (,69)		11,46** (,79)
<i>Extrema esquerda rígido</i>					3,54 (1,21)	1,83 (1,27)
<i>Extrema direita rígido</i>					1,60 (,60)	0,72 (,74)
<i>Observações</i>	1790	2238	2226	1790	1786	1786
<i>R2 Tjur</i>	,194	,214	,213	,202	,196	,220

Fonte: Pesquisa "Índice de Democracia Local – Instituto Sivis.

Nota: *p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

Diferente do verificado nos modelos sobre protestos, o extremismo ideológico não se mostrou relevante para o engajamento online quando utilizado isoladamente. Todavia, no modelo com combinações, o perfil de extrema direita fechado ao diálogo atinge a maior razão de chance de todos os modelos anteriores.

O Quadro 1 oferece uma síntese dos efeitos para os preditores relacionados às hipóteses desse trabalho. Nas colunas são listadas as modalidades de participação e nas linhas as categorias das variáveis de extremismo e dogmatismo, bem como as geradas pela combinação das duas. Os sinais de positivo (+) e negativo (-) indicam as situações em que essas categorias apresentam efeito estatisticamente significativo sobre a probabilidade de envolvimento (ou atitude positiva para o caso da primeira medida dependente).

Quadro 1. Síntese dos efeitos das medidas de extremismo e dogmatismo

Variáveis	Voto	Ativismo Eleitoral	Instituições Participativas	Sociedade Civil	Protesto	Online
<i>Extrema Esquerda</i>		+	+		+	
<i>Extrema Direita</i>	+					
<i>Fechamento ao Diálogo</i>	-	-		-	-	-
<i>Rigidez de Opinião</i>			-	-	-	-
<i>Extrema Esquerda Fechado</i>						
<i>Extrema Direita Fechado</i>			+			+
<i>Extrema Esquerda Rígido</i>						
<i>Extrema Direita Rígido</i>						

Essa síntese sugere que a clivagem entre extremistas e moderados identificada por Scholozman, Brady e Verba (2018) já pode ser verificada em nosso contexto, ao menos nos dados sobre a população paulistana. Essa tendência ao maior ativismo, todavia, parece atingir de forma mais consistente o grupo à esquerda, que apresenta maior probabilidade de engajamento em três das cinco medidas dependentes comportamentais. A condição de extrema direita só se destacou na medida atitudinal em relação ao voto. Nesse sentido, os dados confirmam parcialmente nossa primeira hipótese.

As duas medidas de dogmatismo, diferentemente do que antecipamos em nossas hipóteses, afetam negativamente todas as variáveis de participação, indicando claramente que a indisposição para o diálogo com posições divergentes e a rigidez de opinião reduzem o ativismo político em suas várias modalidades. Mas é interessante notar que quando esse primeiro traço dogmático se manifesta na extrema direita ocorre uma elevação na probabilidade de envolvimento em instituições participativas e a prática do ativismo político online.

5. Considerações finais

O crescente processo de polarização política vivenciado por muitas sociedades democráticas ocasionou mudanças analíticas e empíricas no debate sobre participação política. Uma das inovações mais relevantes foi a inclusão da dimensão do extremismo ideológico como um preditor de envolvimento político em diferentes modalidades participativas. Os resultados empíricos apresentados em Schlozman, Brady e Verba (2018) foram bastante robustos, evidenciando ainda as consequências do efeito mobilizador do extremismo sobre a representação política. Na percepção dos autores, tal situação contribuiria para ampliar o gap de representação democrática.

No presente estudo, procuramos testar alguns elementos do debate sobre extremismo ideológico para o caso brasileiro, articulando-o ainda com outras abordagens recentes nos estudos sobre participação, entre as quais as teorias da identidade e da personalidade.

Os testes empíricos confirmaram em grande parte as expectativas do modelo de Schlozman, Brady e Verba (2018), ainda que no caso de São Paulo fique mais evidente o efeito mobilizador do extremismo de esquerda. Mesmo assim, o extremismo de direita se mostrou um preditor de voto, o que pode ser um elemento importante para explicar o sucesso eleitoral de candidatos de extrema direita nas eleições de 2018. Da mesma forma, o extremismo de direita quando interage com personalidades fechadas ao diálogo potencializa fortemente o envolvimento no ativismo online, o que também é coerente com aspectos vivenciados na conjuntura política brasileira recente (Messenberg, 2017; Rocha, 2019). Por outro lado, um achado bastante contraintuitivo foi a constatação de que esse perfil potencializa a participação em instituições participativas, o que demanda investimentos futuros de pesquisa no sentido de verificar a orientação ideológica dos representantes nesses espaços.

Por fim, cabe destacar o caráter preliminar dos resultados aqui apresentados e a importância de continuidade de tal agenda de pesquisas, especialmente no sentido de avançar na análise dos impactos desses padrões de participação sobre a estrutura da representação política, conforme abordado no estudo do Schlozman, Brady e Verba (2018).

6. Referências

Abramowitz, Alan. 2010. *The Disappearing Center: Engaged Citizens, Polarization, and American Democracy*. Yale University Press.

Amaral, Oswaldo. 2013. As transformações nas formas de militância no interior do PT: maior inclusão e menor intensidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28(82): 67-86.

- Axford, Barrie et al. 1997. *Politics: an introduction*. London: Routledge.
- Barker, Edwin. 1963. Authoritarianism of the political right, center and left. *Journal of Social Issues*, 19(2): 63-74.
- Booth, John e Seligson, Mitchell. 1978. Political Participation in Latin America: An Agenda for Research. *Latin American Research Review*, 11(3): 95-119.
- Borba, Julian; Ribeiro, Ednaldo e Ayres, Carla. 2018. Polarização e protesto político no Brasil. In L. Luchmann e B. Baumgarten (Org.), *Modalidades e trajetórias de participação política no Brasil e em Portugal*. Florianópolis: Insular, p. 109-147.
- Borges, André e Vidigal, Robert. (2018). Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, 24(1), 53-89.
- Conway, Lucian et. al. 2015. Are conservatives really more simple-minded than liberals? The domain specificity of complex thinking. *Political Psychology*, 37(6): 777-98.
- Dalton, Russell e Sickle, Alix. 2005. The resource, structural, and cultural bases of protest. *UC Irvine: Center for the Study of Democracy*. <https://escholarship.org/uc/item/3jx2b911>
- Della Porta, Donatella. 2003. *Introdução à Ciência Política*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Fiorina, Morris e Abrams, Samuel. 2008. Political polarization in the American public. *Annual Review of Political Science*, 11: 563-588.
- Gibson, James. 2013. Measuring Political Tolerance and General Support for Pro-Civil Liberties Policies: Notes, Evidence, and Cautions. *Public Opinion Quarterly*, 77(1): 45-68.
- Gibson, Rachel e Cantijoch, Marta. 2013. Conceptualizing and Measuring Participation in the Age of the Internet: Is Online Political Engagement Really Different to Offline? *The Journal of Politics*, 75(3): 701-716.
- Hetherington, Marc e Rudolph, Thomas. 2015. *Why Washington Won't Work: Polarization, Political Trust, and the Governing Crisis*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hill, Seth e Tausanovitch, Chris. 2015. A Disconnect in Representation? Comparison of Trends in Congressional and Public Polarization. *The Journal of Politics*, 77(4): 1058-1075.
- Inglehart, Ronald e Catterberg, Gabriela. 2002. Trends in political action: the development trend the post-honeymoon decline. *International Journal of Comparative Sociology*, 43(3): 300-316.
- Inglehart, Ronald e Welzel, Christian. 2009. *Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo: Francis.
- Jost, John et al. 2003. Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3): 339-375.

- Kedem, Peri; Bilu, Amos e Cohen, Zila. 1987. Dogmatism, Ideology, and Right-Wing Radical Activity. *Political Psychology*, 8(1): 35-47.
- Meadow, Mary e Kahoe, Richard. 1984. *Psychology of religion: religion in individual lives*. Michigan: Michigan University Press.
- Messenberg, Débora. 2017. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado*, 32(3), 621-648.
- Milbrath, Lester. 1965. *Political participation: how and why do people get involved in politics?* Chicago: Rand McNally.
- Pizzorno, Alessandro. 1982. Condizioni della partecipazione política. In A. Pizzorno e Gabriel Powell, G. Bingham. *Contemporary democracies participation stability, and violence*. Cambridge: Harvard University Press.
- Putnam, Robert (Org.). 2003. *El declive del capital social*. Barcelona: Galaxia Gutenberg.
- Ribeiro, Ednaldo e Borba, Julian. 2015. *Participação política na América Latina*. Maringá: Eduem.
- Ribeiro, Ednaldo; Borba, Julian e Hansen, Jaqueline. 2019. Internet e ativismo político na América Latina e Caribe: Recursos individuais e oportunidades de acesso. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 19(1): 261-280.
- Rokeach, Milton. 1960. *The Open and Closed Mind*. New York: Basic Books.
- Rocha, Camila. 2019. "Imposto é Roubo!" A Formação de um Contrapúblico Ultraliberal e os Protestos Pró- Impeachment de Dilma Rousseff. *Dados*, 62(3): 1-42.
- Rosenstone, Steven e Hansen, Mark. 1993. *Mobilization, participation, and democracy in America*. New York: Macmillan.
- Schlozman, Kay.; Brady, Henry; Verba, Sidney. 2018. *Unequal and Unrepresented: political inequality and the people's voice in The New Gilded Age*. Cambridge: Harvard University Press.
- Sullivan, John; James Piereson e Marcus, George. 1982 *Political Tolerance and American Democracy*. Chicago: University of Chicago Press.
- Vacchiano, Ralph. 1977. Dogmatism. In T. Blass (ed.), *Personality Variables in Social Behavior*. Wiley: New York.
- Ventura, Tiago. 2016. Democracia e participação. Inovações democráticas e trajetória participativa no Brasil. *Cadernos EBAPE*, 14(3):705-720.
- Verba, Sidney e Nie, Norman. 1972. *Participation in America: political democracy and social equality*. New York: Harper e How.

Verba, Sidney; Schlozman, Kay.; Brady, Henry. 1995. Voice and equality: civic voluntarism in American politics. Cambridge: Harvard University Press.

ANEXO

Controles

Sexo

1=masculino e 0=feminino

Faixas Etárias

1=De 16 a 29 anos, 2=De 30 a 44 anos, 3=De 45 a 59 anos e 4=Acima de 60 anos.

Escolaridade

1=sem instrução, 2=Fundamental completo, 3=Médio completo e 4=Superior completo ou mais.

Renda

1=Até 1 salário mínimo, 2=Mais de 1 a 2 salários mínimos, 3=Mais de 2 a 5 salários mínimos, 4=Mais de 5 a 10 salários mínimos, 5=Mais de 10 a 20 salários mínimos e 6=Mais de 20 salários mínimos.

Minoria Étnica

0=Branco e 1=índigena, negra/preta, parda, oriental e outra

Interesse por política

O questionário não tem essa variável, então acho que podemos usar a frequência de busca por informação política como proxy.

P19. Com qual frequência o (a) sr./sra. procura se informar sobre os acontecimentos políticos no Brasil e, especialmente, na sua cidade? (1) Nunca; (2) Raramente; (3) Às vezes; (4) Frequentemente; (5) Sempre. Sem recodificação.

Associativismo

Medida combinando a frequência de participação em reuniões e eventos promovidos por grupos ou organizações não políticas: clube social/associação esportiva, grupo de arte/cultura, filantrópica/caridade, religiosa e autoajuda.

Somatório e padronização para 0-10.